

A potência e as complexidades de uma primeira Juíza Federal do Brasil:

o que aprendi sobre feminismo e afeto com tia Rita Soares de Andrade

Caroline Soares de Andrade Caldas

Gerente de projetos, advogada, PhD em Ciência Política, Pós-Doutoranda em Ciências Sociais (UFBA). Pesquisadora sobre direitos humanos, justiça de transição, elites e contexto eleitoral brasileiro, carolsac@gmail.com

Cresci com uma figura materna extra, uma sorte enorme, até porque ela me abriu o mundo das ideias. Essa mãe adicional se chamava Maria Rita Soares de Andrade e é de autoria dela a frase “o ideal feminista é o ideal do Brasil”¹. Desde muito nova e até hoje, eu não tinha nenhuma certeza da influência jurídica dela sobre mim, mas desde muito cedo, sabia que queria ser feminista também. Essa ideia de mulheres com direitos iguais não me parecia que estivesse pronta, ainda mais sendo uma adolescente nos anos 1990, quando tudo parecia muito longe em termos de igualdade de gênero.

Tudo, na minha vida infantil, sempre foi muito convencional, eu tive uma mãe, um pai, avós e irmã. Essa família nuclear morava em um apartamento emprestado pela minha avó materna, fruto de uma herança. Uma típica família de classe média no Rio de Janeiro nos anos 1980, morando em um bairro nobre da cidade. Eu estudava em escola particular e escutei a vida inteira, sem saber exatamente quando isso passou a ser um estalo de consciência, que tinha uma tia-avó muito próxima que havia sido a primeira juíza em nível federal, mulher, do país. Na verdade, depois descobri, que ela foi a primeira mulher em muitos lugares. Além de juíza, foi a primeira mulher na composição a

OAB², a única mulher na turma na faculdade de direito e a terceira advogada a se formar em direito na UFBA³. Também foi a primeira mulher da família a ter diploma.

Em geral, tias e tios irmãos de nossos avós e avós são pessoas mais distantes e no meu caso foi diferente, e esse tempero de família me permitiu ter experiências mais heterogêneas, e bota heterogêneas nisso. Este relato/carta/história de vida é uma das dimensões dessa experiência que me mostrou um mundo “normal” cheio de pitadas de um modelo familiar bem distinto do convencional, que eu achei que tinha.

Em um determinado momento, na medida que tia Rita envelhecia precisou de cuidados mais atentos. Eu que frequentava a casa dela, sempre cheia, para passar o fim de semana, passei a morar lá com menos de 10 anos de idade. Tia Rita tinha a casa sempre cheia, esquecer um brinquedo lá era certeza de que nunca mais o encontraria e a recomendação sempre foi “vigie seus brinquedos ao levar para a casa da Tia Rita”. Ela, que não teve filhos e não chegou a contrair matrimônio, precisou de cuidados, e chegar nessa casa para morar era bem diferente de passar os dias; mas na minha cabeça, essa novidade da

¹ Andrade, 1930, apud Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, “As viagens da advogada e professora Maria Rita Soares de Andrade (1904-1998): vivências formativas em busca da emancipação feminina”, In Alexandra Lima da Silva, Evelyn de Almeida Orlando y Maria José Dantas, *Mulheres em Trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* (Curitiba: Editora CRV, 2015) 147.

² Ordem dos Advogados do Brasil.

³ Universidade Federal da Bahia.



Valentina González @valentinagb

mudança foi muito suave, em minhas memórias eu sempre havia morado lá. Até a escola mudou, mas convenhamos, a escola do bairro dela era muito melhor que a do meu, até conheci meus maiores amigos e um grande amor por ali. E sair de um apartamento para uma casa era das coisas mais fenomenais para uma criança.

A partir disso, passei a conhecer melhor esse universo da Tia Rita. “Ela foi uma pessoa muito importante”, me diziam. “Não incomoda muito a sua tia não”. Minha mãe biológica estava sempre muito preocupada com os incômodos de crianças morando com uma senhorinha de mais de 80 anos. Aos poucos fui aprendendo que na frente dela, tudo, absolutamente tudo, era permitido. “Deixa as crianças brincarem”, ela dizia. Aprendi muito rápido que se eu quisesse algo muito subversivo, era na frente da Tia Rita que eu deveria pedir, assim, eu ganhava maiores chances de conseguir. Não tinha negociação, para tia Rita, criança podia tudo. Aproveitei, pois a família nuclear de pais de classe média possuía um hábito castrador bem intenso, e tia Rita foi meu passaporte para a liberdade.

Na escola, recebi a tarefa de buscar o livro mais antigo que tivesse visto e ao chegar em casa, casa da Tia Rita que mamãe fazia questão de afirmar, já sabia exatamente onde procurar. Era o lugar onde nenhuma pessoa ia, a não ser um primo muito mais velho. Era um lugar frequentado particularmente por homens. A biblioteca ficava ao lado do quarto dela. Tinha pelo menos 3 tipos de coleção de enciclopédia, livros que cobriam todas as paredes, apenas dando espaço para uma pessoa passar e para a circulação de entrada e saída. No meio, uma mesa gigante com três máquinas de escrever com teclados que pareciam perninhas de tarântulas. A mesa com gavetões, cheios de penduricalhos, entre eles um só de moedas e outro de notas de dinheiros que já não eram mais válidos no país. Aquele lugar era o mais livre de adultos possível, e eu dividia meu tempo entre ele, o carro de marcha ao volante e bancos inteiros que ficavam parados na garagem. Banhos de mangueira estavam incluídos e os pés de frutíferas faziam minha alegria: goiabeiras, parreiras, mangueiras. Flores como maria-sem-vergonha, samambaia, *bougainville*; eu fui aprendendo tudo sobre plantas.

Por longos anos eu frequentei a Feira da Providência e sabia que esse era um evento em que eu e minha mãe ficávamos um pouco mais

pertinho dessa Tia. A Feira foi criada em 1961 e, desde o início, a Tia Rita era presença certa na organização. O objetivo era arrecadar verbas para projetos sociais, voltados para a inclusão de jovens e famílias em situação de vulnerabilidade e pobreza extrema. Tudo o que Tia Rita vendia na Barraca de Sergipe, ela mesma patrocinava com os custos e repassava tudo para o amigo, Dom Helder Câmara, depois, para Maria Zilda Arns.

Em minhas memórias eu sempre fui nesse lugar, e soube, bem criança ainda, que tive a minha iniciação aos 6 meses de idade: meu primeiro grande evento da vida. Tudo em que Tia Rita estava envolvida era sinônimo de muita gente (ela sabia como ninguém acolher pessoas e fazer redes de amizade por onde passava) e, sobretudo, muita comida, em doses exageradas. Pois bem, entre panelas de comidas típicas, bordados, e pessoas, lá estava eu aos 6 meses de vida. Meus pais, Amélia e Anita, embarcavam intensamente nessas aventuras. As duas últimas eram o braço direito doméstico da Tia Rita. Com a Anita, apesar das lembranças vivas na minha memória, convivi muito pouco, mas com a Amélia não, falamos até hoje e fico muito feliz por saber que Tia Rita a incentivou para se retirar do serviço doméstico. Hoje, Amélia é servidora pública aposentada, uma grande conquista para ela e sua família.

A devoção da Tia Rita ao Catolicismo é um capítulo à parte. Eu costumava sair cedo para a escola e já encontrar o Padre do bairro na casa dela, retornava para casa e ele costumava sair de lá já no início da noite. Era incrível para mim, desligada dos assuntos religiosos, o jeito em que Tia Rita tinha assunto e conexão com a religiosidade. Aliás, além da história dos militares e da ditadura, esse era um dos poucos assuntos em que discordávamos, e muito.

O trânsito e permanência no escritório da casa dela era irrestritamente liberado por Tia Rita e proibido sem negociação pela minha mãe. Lá, foi o primeiro lugar onde achei o livro mais antigo que já vi, e o exemplar era do século passado, na época, dos anos 1800! Esse foi o lugar onde eu descobri mais sobre a tia Rita para além da sua importante carreira jurídica. A foto da sua formatura me revelou: era a única da turma. Os papeis e as fotos perdidas pelas gavetas também me diziam que ela estava envolvida com o movimento feminista no Brasil, mas o que era isso para uma menina crescendo nos anos 1990 no país?

Tudo parecia muito avançado em termos de igualdade de gênero, mas eu não sentia nada disso. Foi nesse escritório que eu passei a ter interesse no contexto político do país, a casa dela me abriu um portal de conhecimento que nunca teria tido a oportunidade de desfrutar se não tivesse ido morar lá. Todo dia 03 de abril ela fazia a festa das festas e lá, eu via muita gente que via nas fotos dos editoriais de política do jornal. Tia Rita era amiga de tanta gente, eu ficava impressionada. Graças a ela, minha memória visual ficou afiadíssima, tudo por conta de seus aniversários.

Tia Rita contava muito pouco de sua vida e na medida que os anos passavam, sua cabeça passou a concentrar o que importava a ela em termos afetivos: sua cidade e seu pai. “Vou pegar o vapor e visitar papai, ela dizia”, ou mesmo em um momento de distração dos adultos eu via tia Rita chegar no meu quarto, já com meus 16 anos, meses antes de nos despedirmos, em fuga para tirar uma sesta da tarde, contrariando todas as recomendações médicas. Nessas horas, o que dispersava tia Rita de seus objetivos furtivos era dizer que eu estava estudando. Ela dizia: “está certo minha filha, não vou atrapalhar seus estudos”, com um sotaque carregado de quem é nordestino e nem parecia que morava há mais de 40 anos no Rio de Janeiro.

Tia Rita ascendeu socialmente, foi a primeira geração, junto com meu avô paterno a estudar na universidade e isso carregou todas as gerações seguintes para fora da pobreza. Meu bisavô, pai deles que nem cheguei a conhecer, sequer escrevia o próprio nome. Não conheci, tampouco, ninguém morando em Aracajú, a cidade natal desse tronco da família. Ela se mudou muito jovem para o estado vizinho ao seu, para Salvador, na Bahia, para estudar direito. Chegou a retornar para sua cidade natal e em um momento delicado, por volta dos anos 1930 e 1940, quando percebeu que a vida não andava muito por lá, Tia Rita resolveu se mudar para o Rio de Janeiro. Mamãe dizia que ela, tentando atuar profissionalmente em sua cidade natal encontrou barreiras e em um determinado momento brigou por espaço, perdeu a briga e decidiu se mudar.

É muito curioso que eu nunca presenciei, nos mais de 15 anos morando na casa dela, ouvir Tia Rita falar de si mesma. Ao mesmo tempo, ela nos dava o prazer da sua bagunça pessoal. Eram como pistas diárias de um quebra-cabeça que monto até hoje. Tia Rita era desorganizada por natureza,

quando ainda podíamos sair só com ela, havia um lugar com mesa reservada apenas para ela. A Confeitaria Colombo, no andar de cima, perto do vão central direção norte era sua mesa cativa. Almoçávamos lá e na hora de pagar a conta, irritada ao não achar o talão de cheques, virava a bolsa toda na mesa, deixando cair tudo até achar o que queria. Eu agradeço, tia querida, pelas suas bagunças, elas foram métodos memoráveis de saber mais sobre você, eu me sentia e ainda me sinto, praticando uma arqueologia sua.

Com o tempo, saber melhor sobre a trajetória como feminista de primeira onda da tia Rita, me fez achá-la ainda mais fascinante. Até que, no alto dos meus 16 anos, ao voltar de um dia de praia com minha canga nos ombros e portando apenas biquíni e chinelos ela me segurou os braços e me perguntou: “Para onde está indo nua desse jeito?” Fiquei desconcertada. Que tipo de feminista é essa? O judiciário começava a debater o uso de calças por mulheres nos edifícios da instituição e eu não podia usar biquíni? O choque geracional se mostrava. De um lado, o feminismo que lutou pelo sufrágio, pelo direito de as mulheres votarem e serem votadas, questionando a roupa de uma mulher, e, do outro, o feminismo contemporâneo abrindo os caminhos para a liberação dos corpos femininos. À pergunta, minha resposta foi: “Estou indo não, tia, estou voltando”. No que ela exclamou: “Viuge, e seus pais deixam você sair nua na rua desse jeito!”. Eu nem usava os biquínis mais indiscretos, validada por isso retruquei: “Todas na praia estão assim, tia”. Rimos juntas, seu inconformismo durou menos de um minuto e nunca mais falamos do assunto. Saí disso pensando quanta complexidade cabe numa pessoa. E como isso sempre pareceu muito natural para você, essa lição eu fui aprendendo muito depois e meu retrovisor sempre mirou nela.

Tia Rita se foi aos 94 anos, eu tinha 16 e sua presença em minha vida nunca, em nenhum momento, deixou de ter intensidade. Em quase todos os momentos profissionais que presenciais, nossos caminhos se cruzaram. Seja o estagiário dela do escritório só de mulheres advogadas criminais, seja o livro sobre mulheres em que uma querida amiga incluiu tia Rita ao se encantar pela sua história ou mesmo por sermos vizinhas atualmente. Tia Rita foi sepultada a poucos metros de distância de onde eu moro e a nossa rua leva o nome católico do orixá da justiça. À medida que envelheço tenho mais perguntas,

mais encantamento e sinto mais ainda a presença dessa tia querida que pavimentou muitos caminhos que hoje eu e muitas mulheres podemos usufruir e aprimorar.

⁴ Serviço de Nacional de Informação.

⁵ Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, “As viagens da advogada e professora Maria Rita Soares de Andrade (1904-1998): vivências formativas em busca da emancipação feminina”, In Alexandra Lima da Silva, Evelyn de Almeida Orlando y Maria José Dantas, *Mulheres em Trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* (Curitiba: Editora CRV, 2015) 144.

No Brasil, a Justiça Federal é um nível do judiciário que decide questões que envolvem o nível federal do governo. Logo, servidores federais, perpetradores de crimes considerados de importância do governo central acabam sendo julgados nesse tipo de justiça. Essa instituição foi reativada a partir de 1967, e isso, muitos anos mais tarde, me acendeu a primeira pergunta. Como, em plena ditadura, tia Rita havia sido nomeada pelo governo militar para ser julgadora? Como esse governo indica uma mulher para um cargo de liderança?

Eu tenho que admitir, que ando investigando mais sobre essa tia agora, e ando especialmente interessada sobre os episódios silenciados, aqueles que ninguém me contou ou que de tão familiares, esconderam diamantes de informações.

Eu demorei a entender como uma feminista ativamente comprometida como você foi, se manifestou a favor dos militares no governo em 1964 e foi nomeada Juíza Federal – a primeira mulher – no meio de uma ditadura militar. Isso, para mim, não combinava com a humanidade que eu via em suas atitudes. Eu investiguei tudo que pudesse me dar pistas de que havia mais complexidades nesse grande contexto e foi com um documento do SNI⁴ que percebi que na casa em que moramos, um mês antes de eu nascer, você chegou a ser vigiada. E foi no feminismo de primeira onda do Brasil e a chave da sua participação na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que eu compreendi seu pavor pela esquerda do século XX. Tia Rita sempre esteve nas fotos com os acessórios mais simples num ambiente com mulheres que aparentavam privilégios familiares que a nossa família, na geração dela, não teve. Sequer sonhava usufruir.

A mulher só podia ter emancipação em outro espectro político, e a independência financeira sempre foi uma questão, até

hoje é. Vir de Aracajú, no nordeste do país, para a capital foi uma alternativa para quem queria ter uma trajetória que não se limitasse à vida privada, para quem apostou na ideia de possuir o direito de um trânsito por ambientes “masculinos”. Essa ideia de igualdade provocou estereótipos contra as feministas, que prescreviam, entre outras características, que as mulheres ao ousarem exigir direitos e reclamar respeito eram “mal-amadas e pouco dotadas de beleza”⁵.

Uma liberal que detestava o Estado Novo de Getúlio Vargas e o presidente Juscelino Kubitschek – que a vovó, sua cunhada, adorava –, mas que, ao mesmo tempo, mesmo desalinhada ideologicamente com JK, quando foi juíza de um processo judicial em que ele foi réu, decidiu por sua inocência, arquivando o processo que o acusava de corrupção em plena ditadura militar. Entre comentários da minha avó ao ler a biografia do predileto conterrâneo, ela soltava “eu gosto muito dele, mas sua tia detesta”. Cresci tentando então, desvendar o que era isso tudo. Sobre a ditadura getulista minha mãe contava “Nesses tempos, sua tia, advogada já no Rio de Janeiro, protestava conta ele usando uma rolha pendurada no pescoço para representar a agonia da censura”.

Me pergunto, o que essa tia diria sobre as mulheres da minha geração? Será que a história do biquíni ainda seria central? Na minha memória, quando penso nela, me vem a sensação de liberdade. Acho que por isso acabei me apegando às histórias em que tia Rita se guiou em favor da liberdade de algo ou alguém. Fico sempre muito curiosa de como o feminismo apareceu e como foi representado por essa tia. Sua participação na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino foi a chave para eu compreender o quanto ela valorizava a emancipação e autonomia feminina. Ao mesmo tempo me ajudou a entender que a esquerda não era uma opção como ideologia política. Imagino o quanto era complexo estar cercada de tantas mulheres cheias de ideias de liberdade, como o era a Bertha Lutz.



Arquivo Nacional do Brasil

Só com essa experiência familiar pude compreender a ideia de que a mulher, naquele tempo, com a nossa origem familiar de pobreza e sem acesso à educação formal, apenas podia ter emancipação em outro espectro político. O liberalismo validava no século XX que a mulher pudesse sair da pobreza e ter alguma autonomia, pelo menos a independência econômica, uma das mais importantes. Lembro muito de você me ensinar sobre a ética do cuidado, da rede que as mulheres podem fazer para se darem suporte umas as outras e de que a autonomia financeira significava ter escolhas na vida, sobretudo para pobres e mulheres.

Sabe, essa tia me ensinou com a sua trajetória que nada é impossível nessa vida, que podemos nos ajudar sempre, que temos que ter muito orgulho de nossas origens simples, pobres de vida, muito orgulho do nosso trabalho e dos ideais de igualdade. Essa humanidade é uma conquista de quem sofreu muito para chegar onde chegou, e isso essa tia-avó, mãe extra querida, conseguiu passar para mim, que agora, me sinto com mais clareza para compartilhar. 📖

